

A RELAÇÃO ENTRE A PUC-RIO E A FOLIA DE REIS DO SANTA MARTA ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980.

Aluna: Namíbia Rodrigues

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves.

Introdução

A PUC-Rio é uma universidade que enfatiza o desenvolvimento de pesquisas e da ciência no Brasil. Desde sua fundação em 1940 e partindo desse projeto consolidado de uma universidade de pesquisa, a PUC-Rio conseguiu reconhecimento e excelência não só no que diz respeito aos cursos de graduação, mas também na pós-graduação.

Por entender que a Universidade deveria construir para si uma memória institucional para a formulação de projetos futuros, a Vice-Reitoria Acadêmica teve a iniciativa de, em 2006, criar o Núcleo de Memória da Pós-Graduação e da Pesquisa na PUC-Rio. O Núcleo tinha como objetivo inicial recolher material de acervos privados e dos diversos Departamentos e órgãos da Universidade, organizá-los, cadastrá-los e publicá-los no site (<http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/site/>). Em 2008 o Núcleo foi ampliado e passou a tratar de toda a gama de atividades universitárias, graduação e pós-graduação, e tornou-se o Núcleo de Memória da PUC-Rio.

O Núcleo assume a feição de um lugar de memória, no sentido que tal conceito ganha na formulação do historiador Pierre Nora, ou seja, no tríplice sentido de ser um lugar físico de construção da memória, um lugar cuja função é fazer memória e um lugar simbólico da memória institucional da Universidade.

Portanto, através dos seus diferentes usos e serviços voltados à comunidade acadêmica, o Núcleo é reconhecido institucionalmente como lugar de memória e serve de referência para toda a PUC-Rio e para pesquisadores de outras instituições e núcleos de pesquisa.

No Núcleo de Memória da PUC-Rio, é condição primeira o trabalho coletivo, o que se tornou ainda mais possível no ano de 2011, quando obtivemos sala própria no Edifício Cardeal Leme, no *campus* Gávea. Sob a coordenação da professora Margarida de Souza Neves e da pesquisadora Silvia Ilg Byington, a equipe é composta pelos pesquisadores Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves, pelo fotógrafo Antônio Albuquerque e pelos bolsistas: Igor Valamiel F. Martins (até fevereiro 2014), Wendy L. S. M. R. Soares (até fevereiro 2014), Fabio Cano Gómez (a partir de fevereiro 2014), Matheus Lima Targuêta, Namíbia Rodrigues, Thaís Lacerda Queiroz Carvalho e Yasmin Getirana (a partir de fevereiro 2014).

O presente Relatório tem como objetivo descrever as atividades desempenhadas por esta bolsista do Núcleo de Memória da PUC-Rio no período de julho de 2013 a junho de 2014. Para isto o relatório divide-se em duas partes: a primeira, chamada de Relatório Técnico, tem caráter descritivo e foi feita em conjunto com os bolsistas Matheus Lima Targuêta e Thaís Lacerda Queiroz Carvalho. Relata as atividades realizadas pelo grupo de pesquisa como um todo e as minhas contribuições individuais ao andamento do projeto. A segunda parte, o Relatório Substantivo, apresenta um texto que consolida o meu trabalho de pesquisa até o momento.

Relatório Técnico

Atividades em Equipe

Ao longo de cada ano a equipe do Núcleo de Memória desenvolve diversas atividades. Algumas delas são atividades internas e algumas são feitas em parceria com outros órgãos da PUC-Rio, além de apoiar iniciativas e atividades de outros segmentos também da PUC-Rio, como foi o caso da homenagem feita pelo Centro Acadêmico de História ao ex-aluno da universidade Raul Lanari em junho de 2014. Abaixo, as atividades realizadas no período compreendido entre julho de 2013 e junho de 2014:

1. Localização e registro de documentação escrita, iconográfica, filmográfica e sonora, direta e indiretamente relacionada ao tema do projeto nos acervos da PUC-Rio;
2. Seleção, coleta e tratamento do material documental;
3. Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas;
4. Identificação de fotografias coletadas e selecionadas para cadastro no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
5. Catalogação e sistematização do material documental através de digitalização e cadastro em metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
6. Realização de seminários de leitura internos com a participação dos componentes da equipe para discussão de textos teóricos sobre conceitos de Memória, Identidade e História. Alguns dos seminários contaram com a presença da professora Tânia Dauster, do Departamento de Educação, e de alunos do departamento de História;
7. Realização de reuniões técnicas semanais com a participação do grupo de pesquisadores e bolsistas, tendo como principais objetivos sistematizar a agenda de tarefas, revisar em equipe os textos das Crônicas de Memória que um dos integrantes tenha escrito para o Jornal da PUC, trocar experiências e sanar eventuais dúvidas sobre a rotina de trabalho;
8. Publicação do acervo através do website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
9. Produção e edição de conteúdo, textos e imagens, para publicação no website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
10. Produção do Anuário 2012 da PUC-Rio;
11. Produção das Crônicas de Memória publicadas em todas as edições do Jornal da PUC;
12. Atendimento a solicitações relativas à pesquisa no acervo, cessão e autorização de uso de documentos e perguntas sobre temas abordados. As consultas, internas e externas à Universidade, são respondidas diretamente pela equipe ou encaminhadas aos setores responsáveis;
13. Proposta de uma nova disposição para os objetos relativos à história da PUC-Rio conservados em vitrines da Reitoria, e execução de tal proposta;

14. Cópias em mídia digital dos documentos solicitados pelos diversos setores da Universidade e externos a ela;
15. Manutenção e atualização do website institucional do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
16. Apoio ao Centro Acadêmico de História na realização de uma homenagem ao ex-aluno Raul Lanari.
17. Outras atividades:
 - 17.1. Instalação, em conjunto com a Biblioteca Central, de uma exposição com o acervo do Professor Junito Brandão e exibição constante de *slideshow* na entrada da Biblioteca, situada no edifício Frings;
 - 17.2. Instalação, em conjunto com a Biblioteca Central, de uma exposição sobre os 50 anos da Pós-Graduação da PUC-Rio na entrada da Biblioteca no edifício Frings;
 - 17.3. Visita à exposição fotográfica de Evandro Teixeira no Centro Cultural Justiça Federal, chamada: Tempos de Chumbo, Tempo de Bossa, no dia 12/02/2014;
 - 17.4. Pesquisa e atualização de dados para a cronologia sobre a PUC-Rio, para inclusão no Anuário PUC-Rio 2012 e 2013 em edição digital;
 - 17.5. Digitalização de Arquivos do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES);
 - 17.6. Digitalização de arquivos da Diretoria de Admissão e Registro (DAR) da PUC-Rio previamente selecionados;
 - 17.7. Digitalização do acervo do professor Junito Brandão doado à Biblioteca da PUC-Rio;
 - 17.8. Digitalização de artigos com importância para a PUC-Rio presentes em exemplares da Revista A Ordem;
 - 17.9. Visita da equipe do Núcleo de Memória às exposições realizadas no Instituto Moreira Salles.
 - 17.10. Participação na Assembleia Geral da PUC-Rio e desenvolvimento e montagem dos kits distribuídos na Assembléia para todos os presentes.

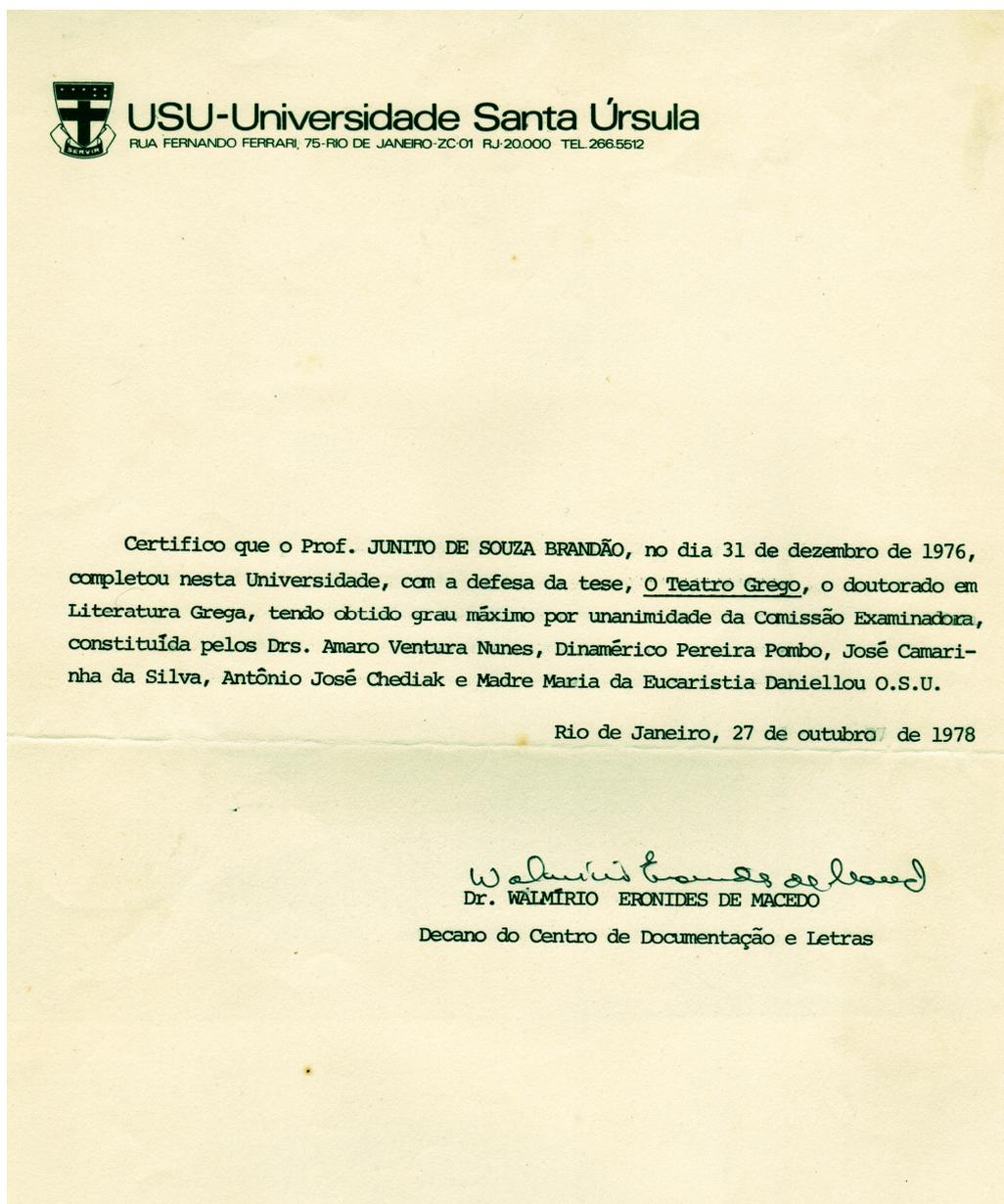
Atividades individuais realizadas por Namíbia Rodrigues

No período que é compreendido por este relatório (Julho de 2013 a Junho de 2014), realizei as seguintes atividades abaixo relacionadas:

I. Digitalização do acervo do professor Junito Brandão

O professor Junito Brandão foi professor do Departamento de Letras da PUC Rio e colaborador da Universidade por mais de 40 anos. Seu acervo foi doado à Universidade por sua família. Ajudei na seleção do material do acervo que encontrava-se na Biblioteca Central e seria digitalizado pelo Núcleo de Memória. Após esta seleção, fiquei responsável por fazer a digitalização do material. De tudo que foi digitalizado, alguns arquivos foram escolhidos

junto com toda a equipe para uma exposição sobre a vida do professor e seu trabalho. Esta exposição foi feita em parceria com a Biblioteca Central. Dentre o material que foi digitalizado estão, por exemplo, certificados de natureza variada, manuscritos de discursos, matérias de jornais, páginas manuscritas do dicionário que o professor escreveu, entre outros. A imagem abaixo é um exemplo deste material. É o certificado de conclusão de Doutorado do professor Junito Brandão na Universidade Santa Úrsula, em 1978.



II. Publicação de artigos no *Jornal da PUC*

Desde 2010 a equipe do Núcleo de memória escreve artigos que são publicados no *Jornal da PUC*. No período que este relatório abarca, escrevi duas crônicas que foram publicadas no jornal. A primeira delas foi escrita em conjunto com o pesquisador Clóvis Gorgônio e publicada em 02 de outubro de 2013, na edição nº. 274. Este artigo discorre sobre a eleição das diretorias da UNE e da UEE no final dos anos 1970. O segundo artigo foi escrito em parceria com o pesquisador Eduardo Gonçalves e publicado em 02 de junho de 2014, na edição nº. 282. Este segundo artigo trata de uma reunião do Conselho Universitário da PUC-

Rio sobre os professores acolhidos no período da Ditadura Militar, realizada no início de 1969. Abaixo estão os dois artigos juntamente com as imagens que ilustraram cada um deles.

Longa jornada noite afora



A foto desta coluna registra um fragmento do processo de abertura política no Brasil no final dos anos 1970. Remete a um momento crucial para o movimento estudantil, durante a apuração dos votos da eleição para as diretorias da UNE (União Nacional dos Estudantes) e da UEE (União Estadual dos Estudantes) que, com o Golpe de 1964, haviam sido colocadas na ilegalidade e assim continuavam.

A moça que dorme no banco de madeira era um dos 300 voluntários que participaram da apuração, muitos acampados por ali mesmo na virada da noite. Ela parece alheia ao burburinho da apuração e ao barulho que as chapas concorrentes às eleições faziam do lado de fora do antigo ginásio esportivo. Seu sono pesado, quem sabe, atribui-se ao desgaste físico e mental das duras lutas travadas num momento tão crítico da vida nacional, mas ao mesmo tempo de intensa mobilização da juventude estudantil e desejo por dias melhores.

Apurou-se na PUC-Rio 45 mil votos do Estado do Rio. Foram 340 mil votantes no país num universo de pouco mais de um milhão de universitários. Foi a primeira vez que a UNE utilizou o voto direto nas suas eleições. Elas ocorreram nos dias 3 e 4 de outubro de 1979 sob ameaças: os DCEs e CAs haviam voltado a funcionar nas universidades, mas a UNE e as UEEs não eram reconhecidas nem toleradas pelo Governo Federal.

A PUC-Rio tornara-se um importante espaço no qual as discussões e manifestações políticas encontraram refúgio, em particular as relacionadas à reestruturação do movimento estudantil e o processo de reconstrução da UNE a partir de 1976. As reuniões dos DCEs dos estados para organizar as eleições estudantis realizaram-se na PUC-Rio, reunindo em agosto de 1979 mais de 500 participantes durante vários dias.

O ano de 1979 é um marco na história não só da UNE e da PUC-Rio, mas também na história do movimento estudantil brasileiro e da própria democracia que, naquele momento, parecia ter sido entorpecida e adormecido em um sono muito diferente daquele da jovem estudante, vencida pelo cansaço da luta.

As universidades de portas fechadas



As contradições que marcaram a sociedade durante os 21 anos que se seguiram ao golpe civil-militar passaram por dentro dos *campi* das universidades brasileiras. Em razão de suas ideias políticas, alunos e professores foram perseguidos, expulsos, presos e torturados; alguns professores foram aposentados compulsoriamente e outros exonerados; cursos encerrados; verbas de pesquisa cortadas.

O expurgo de professores ocorreu mais sistematicamente em 1964 e 1969, após a promulgação do AI-5 e do decreto 477, instrumento de repressão voltado para a educação que permitiu as expulsões dentro das universidades públicas sem nenhuma defesa prévia.

A liberdade estava cerceada e a PUC-Rio não passou incólume pelos conflitos desse período. Alguns militares eram professores dos cursos de Engenharia do recém-criado CTC e em todos os Centros havia quem apoiasse a ditadura, o que aumentava a pressão para que, também nesta Universidade, o decreto fosse colocado em prática. A PUC-Rio acolhera alguns professores das universidades federais, sobretudo da UFRJ. Tal decisão acirrou conflitos internos.

Em depoimento, o professor Carmelo, do Departamento de Educação, relata a “sessão memorável” do Conselho Universitário, ocorrida no início de 1969. Alguns conselheiros defendiam a suspensão dos contratos dos docentes oriundos da UFRJ. O consenso parecia impossível. Paulo de Assis Ribeiro, Assessor de Planejamento da Reitoria, ligou o retroprojetor e argumentou: “a doutrina social da igreja é como este foco: há posições mais centrais, mais à esquerda e à direita; acima ou abaixo. Entretanto, desde que esteja dentro deste foco de luz, está de acordo com a doutrina. Não há, portanto, condição de se afastar um professor e pesquisador da PUC por razões do AI-5, sempre que suas opções políticas se

coloquem dentro do foco abrangente da doutrina social da igreja". Após intenso debate, o Conselho Universitário decidiu manter os professores.

Os tempos difíceis não impediram que a solidariedade e o sonho de dias melhores encontrassem formas de expressão.

Eduardo Gonçalves e Namíbia Rodrigues

Núcleo de Memória da PUC-Rio

III. Armários da Reitoria

Revisão do relatório com os objetos dos armários da sala da Reitoria da PUC-Rio.

IV. Catalogação de livros

Cadastro dos livros da biblioteca interna do Núcleo de Memória no banco de dados. Trabalho feito em parceria com a ex-bolsista Wendy L. S. M. R. Soares.

V. PROEDES

Finalização da digitalização dos arquivos do PROEDES – Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade. Trabalho feito em parceria com a bolsista Yasmim Getirana.

VI. Participação em seminários

Ao longo do ano são organizados seminários teóricos pelos pesquisadores do Núcleo de Memória para que toda a equipe participe. Um dos seminários realizados no decorrer deste último ano foi “Lembrar, Escrever, Esquecer – Jean Marie Gagnebin”, apresentado pelas Coordenadoras Margarida e Silvia e pelos ex-bolsistas do Núcleo, Pedro e Reinan. Além destes seminários há também a discussão de textos lidos por toda a equipe como foi o caso do texto “Memória, Identidade e Projeto”, capítulo IX do Livro *Projeto e Metamorfose – Antropologia das sociedades complexas*, de Gilberto Velho. (1994, p. 97-105). E, quando possível, a participação como ouvintes em palestras sobre temas que se relacionam com o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Memória. Em março deste ano eu e outros membros da equipe fomos à palestra “O trabalho de rememoração de Penélope: memória e esquecimento em Walter Benjamin”, da professora Jean Marie Gagnebin, oferecida pelo Departamento de Filosofia.

Relatório Substantivo

A RELAÇÃO ENTRE A PUC-RIO E A FOLIA DE REIS DO SANTA MARTA ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980.

Aluna: Namíbia Rodrigues

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves.

Introdução

A Folia de Reis é um festejo popular que encena o caminho trilhado pelos três reis magos até o presépio de Belém, local de nascimento do menino Jesus. É também uma manifestação cultural enraizada na religiosidade popular e na fé católica. Sua origem exata é desconhecida, mas sabe-se que também acontece em países como Portugal e Espanha. No

Brasil, a Folia de Reis ganhou uma simbologia forte devido às questões religiosas e folclóricas, além dos diferentes nomes que recebe de acordo com o local onde é festejada. É chamada também de Terno de Reis, Pastorinhas, Cavalinho Marinho, Boi de Reis, entre outras denominações, ainda que essas possam ser variantes de um festejo cuja narrativa central refere-se ao nascimento de Jesus e a visita dos santos reis.

Forte tradição encontrada no interior dos estados brasileiros, sobretudo no Sudeste e no Nordeste, a Folia de Reis também se consolidou no espaço urbano. Estima-se que, somente no estado do Rio de Janeiro, existam, aproximadamente, 400 grupos de folia. Com apresentações que se iniciam no dia 24 de dezembro e vão até o dia 06 de janeiro – dia de Reis – os grupos de folia contam com músicos, coro, geralmente dois palhaços e um mestre folião. No Rio de Janeiro, a celebração estende-se até o dia 20 de janeiro, que é dia de São Sebastião, padroeiro da cidade. Os grupos mantêm e perpetuam a tradição ao longo dos anos de cantar e anunciar o nascimento de Jesus percorrendo as casas e arrecadando donativos. Passado o período de peregrinação, acontece ainda o arremate, como é chamada a festa que cada grupo promove em agradecimento aos donativos recebidos e ao acolhimento que lhes foi dado.

Ao contrário do que possa parecer, a cidade do Rio de Janeiro tem grupos tradicionais de Folia de Reis como é o caso do grupo do morro Santa Marta, grupo analisado nesta pesquisa. Com cerca de 60 anos de existência, o grupo foi trazido da Ilha do Governador no fim dos anos 1950 pelos mestres Luiz, Dodô e Diniz e recebeu seu nome atual: Folia de Reis Penitentes do Santa Marta [1]. Atualmente o grupo tem como responsável o Mestre Riquinho.

À primeira vista, pode parecer improvável que a PUC-Rio mantenha ou tenha mantido uma relação relevante com a folia da favela Santa Marta. No entanto, essa relação se dá por duas vias: por um lado, do ponto de vista acadêmico, essa manifestação de cultura popular foi objeto de uma dissertação de mestrado defendida no Departamento de Educação em 1985 [2]; e por outro, o Pe. Agostinho Castejón, S.J., Vice-Reitor Acadêmico nas décadas de 1970 e 1980 e professor do Departamento de Educação, morou durante esses anos no Morro de Santa Marta, onde manteve estreita relação com a Folia e seus membros.

A dissertação de mestrado em questão, escrita por Adair Rocha, hoje professor do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, aborda o saber popular através da prática religiosa. Rocha, que já tinha contato com Folia de Reis antes de conhecer o grupo do Santa Marta, escolheu este grupo e este morro para desenvolver sua pesquisa a partir de sua relação pessoal com o festejo e os laços de amizade que formou na favela. Para ele “[...] a prática político-partidária veio ampliar aquela relação para a discussão e organização do poder a partir da perspectiva popular” [3], e a Folia está presente nessa mediação.

Pe. Agostinho por sua vez, que não foi morar na favela por nenhum motivo acadêmico, explica sua decisão em mudar-se para lá em seu livro inédito intitulado *Questão de Ótica* [4]. Na tentativa de promover um trabalho pastoral que fosse feito junto aos pobres e não somente “para” os pobres e buscando viver como as pessoas daquele lugar viviam, Pe. Agostinho passa a frequentar a favela com maior assiduidade. Logo decidiu e comprou um “barraco de estuque e telhado de zinco” [5] onde dormia algumas noites nos finais de semana. Quando se mudou definitivamente para a favela sua relação com os moradores e, por conseguinte, com a Folia se acentuou. Foi ele quem, pela primeira vez, permitiu que o grupo do Santa Marta entrasse na Igreja Católica do alto do morro.

Uma vez estabelecida a existência da relação entre estes três pilares – Folia de Reis do Santa Marta, Pe. Agostinho e a PUC-RIO – este trabalho buscará compreender melhor o ponto de interseção que proporcionou tal relação na temporalidade definida pelos anos 1970 e 1980, período em que o Pe. Agostinho, já como Vice-Reitor Acadêmico da Universidade, morou na favela. Este relatório pretende ser um primeiro movimento de pesquisa que será desenvolvida em outra fase e, posteriormente, se consolidará em uma monografia.

A Folia de Reis: saber popular e sabedoria popular.

A Folia de Reis, antiga tradição do folclore brasileiro, permite que temáticas diversas sejam abordadas com base em sua análise, tais como a oralidade (um dos principais aspectos desta manifestação), a performance, os rituais simbólicos que são desenvolvidos, a religiosidade, entre outros. E tratando-se dos diferentes temas que podem ser levantados a partir da folia, a questão da religiosidade popular é um dos interesses centrais deste trabalho. Ao se estudar a relação da Folia de Reis do Santa Marta com o Pe. Agostinho e a PUC-Rio, o estudo da religiosidade e da sabedoria popular presentes nesta expressão cultural faz-se necessário para, dentre outras razões, compreender como a folia contribuiu para que o Pe. Agostinho fizesse novas leituras do Cristianismo.

O conceito de religiosidade popular é largamente debatido e estudado por historiadores, sociólogos, antropólogos, teólogos e tantos outros profissionais que podem fazer dele um suporte para seus trabalhos e pesquisas. É um conceito que gera controvérsias e que, talvez por isso e pelo vasto campo no qual se apresenta no Brasil, não se esgota. No ano de 2013, por exemplo, foi lançado o Dicionário da Religiosidade Popular: cultura e religião no Brasil, escrito por Frei Francisco Van Der Poel, OFM [6]. Este dicionário, produto de uma pesquisa de mais de 40 anos, abarca as mais diversas manifestações culturais de religiosidade popular encontradas no país. Inclui cânticos, provérbios, histórias e é mais uma forma através da qual esta questão pode ser estudada.

Ainda que pareça óbvio, levando em consideração a história que encena, a Folia de Reis apresenta características que a classificam como manifestação de religiosidade popular de acordo, por exemplo, com a definição deste conceito feita pela historiadora Mara Regina do Nascimento [7]. Trabalhando os termos separadamente, religiosidade pode ser entendida como o “que vem do povo, que pode evocar manifestações ligadas ao sagrado, suas práticas de cura, devoção a santos ou festas de rua, por oposição ao que é oficial, ao que vem da Igreja” [8]. E o que é popular pode ser entendido, também segundo Nascimento, como uma representação do que é dado como oficial, do tradicional.

Por virem do povo e estarem fora do âmbito do que é considerado por Nascimento oficial, as manifestações de religiosidade popular tem sua força na oralidade e isto deve ser considerado. Não existe um livro sagrado ou um manual que explique como os festejos devem ser realizados, como os foliões devem se comportar ou as palavras que devem dizer. Assim sendo, o saber e a sabedoria contidos na folia são transmitidos através dos cantos, da dança, dos objetos, de geração para geração, dos mais velhos para os mais novos, sendo também uma forma de preservar a cultura e fazer com que ela se perpetue. A Folia de Reis do Santa Marta, por exemplo, tem a ideia de montar uma espécie de escola de Folia de Reis, para ensinar para as crianças os cantos, a confecção e manutenção dos instrumentos e como tocá-los e, claro, a importância desta tradição.

A transmissão desta sabedoria começa, geralmente, dentro da própria casa do mestre folião, como é o caso do Santa Marta. Adair Rocha, através da fala de Mestre Zé Diniz, demonstra isto:

Já Mestre Zé Diniz destaca o amor e a paixão pela Folia como parte de uma herança de família. Esta é, inclusive, a maneira de ler e explicar historicamente a existência e organização da mesma: ‘... essa Folia aí tem uma história que vai passando de mão em mão e não pode deixar cair. Já estou também ensinando a garotada e quando precisar eles é que vão segurar. Isso é uma herança que a pessoa adquire de família em família. Pelo menos meus avós já saíram em Miracema. Meu pai também saía... eu estou com vinte anos já de Folia de Reis. E minha família já quase toda está na folia: mulher, filhos

e os netinhos que vão nascendo, que já estão andando, já estão querendo sair na folia.’ [9]

É um festejo que exhibe a interseção entre sagrado e profano, aparentemente separados. É possível observar, diante dos ritos presentes, dois momentos de festa. No primeiro momento é cantada a profecia, é feita a anunciação e é representada a peregrinação dos reis magos “para visitar, adorar e presentear o menino que nasceu em Belém e que segundo a profecia seria o novo Rei dos Judeus” [10]. Este momento é no qual se canta a história bíblica, no qual se pede licença para entrar nas casas e louva-se os santos ali presentes. Este é considerado o lado sagrado da festa, o lado que trata explicitamente a questão da religiosidade, devoção e fé dos participantes.

No segundo momento, o festejo é marcado pela apresentação dos palhaços. Ainda que representem a cena bíblica dos soldados de Herodes enviados para matar Jesus, os palhaços fazem, por assim dizer, uma apresentação à parte. Dançam e cantam versos improvisados na hora do festejo, de modo que o verso cantado em um ano dificilmente será cantado no ano seguinte. Mascarados, os palhaços, além de arrecadarem as doações feitas pelas pessoas que os assistem, trazem em seus versos uma interpretação própria da realidade, falando de assuntos como, por exemplo, futebol e política, no caso das folias urbanas, de favelas e periferias. Tem-se então, com a brincadeira e o ar mais solto dos palhaços, o lado profano da festa, que busca divertir e entreter as pessoas.

A transmissão do saber e da sabedoria é feita por vias distintas, mas a essência da festa, marcada pela crença nos santos reis, na promessa feita e no desejo dos foliões de seguirem em frente, não se perde. Ainda que as vestimentas mudem, que as mascaras dos palhaços não sejam as mesmas usadas no ano de fundação do grupo, que o mestre não seja o mesmo, que os versos dos palhaços não estejam alheios aos acontecimentos de seu tempo, as dimensões sagrada e profana estão sempre presentes e preservadas.

Uma Igreja que surpreende: de Medellín ao Santa Marta

Antes de sua chegada na favela de Santa Marta, Pe. Agostinho já desenvolvia trabalhos pastorais em outras favelas cariocas. A PUC-Rio criou na década de 1970, sob sua coordenação, o grupo MUSP – Movimento Universidade a Serviço do Povo. Naquela época ele era Vice-Reitor Acadêmico da Universidade e as atividades do grupo voltavam-se para ajudar na melhoria da qualidade de vida dos moradores das favelas atendidas. O movimento tinha a participação de alunos e professores de diferentes departamentos da Universidade, como, por exemplo, Direito, Engenharia, História e Educação. A ideia era que a produção acadêmica proporcionasse transformação na vida cotidiana das favelas, como foi o caso da monografia desenvolvida no Departamento de Engenharia Civil que, ao ser posta em prática, criou um sistema de distribuição de água simples e eficiente no Santa Marta. Seguindo os passos do Pe. Pedro Velloso S.J., por duas gestões reitor da PUC-Rio e desde muitas décadas comprometido com o trabalho pastoral no Santa Marta, Pe. Agostinho aos poucos começou seu trabalho por lá.

O MUSP é um exemplo do trabalho que a PUC-Rio desenvolvia e de que Pe. Agostinho fazia parte. No entanto, o contexto social e eclesial naquele momento pode ajudar a compreender o que levou o padre a fazer o trabalho pastoral que fazia e, conseqüentemente, ir morar no morro. Fatores importantes ocorridos naquela época certamente refletiram em seu pensamento e ações. Apesar da ditadura militar ainda existir, a esperança por dias melhores mantinha-se forte. O processo de redemocratização e de retomada da cidadania iniciava-se e o compromisso social da Universidade caminhava junto às demandas da sociedade na qual estava inserida.

A atuação de Pe. Agostinho, seja na coordenação do MUSP, seja no Santa Marta, mantinha-se comprometida com posições da Igreja Católica assumidas em tempos anteriores, nos anos 1960. Nesta década, a Igreja Católica na América Latina começou a passar por uma fase de inovações, estando mais aberta ao mundo moderno. Após a realização do Concílio Vaticano II, marco na história da Igreja, que, dentre outros pontos, produziu documentos de cunho mais progressistas, houve a realização da I Conferência Geral do Episcopado Latino Americano (CGELA), no Rio de Janeiro. Contudo, foi na segunda Conferência Geral que o debate mais expressivo sobre “uma teologia e uma pastoral que respondesse aos problemas do povo da América Latina, especialmente o povo pobre” [11] se consolidaria. Neste contexto progressista a Teologia da Libertação e as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) ganharam notoriedade. Esta segunda Conferência Geral ocorreu em Medellín, na Colômbia, em 1968. De acordo com Lucelmo Lacerda Brito:

Em Medellín, os progressistas conseguiram impor sua temática e sua linha no documento final. Ao invés de partir da dogmática para fazer um documento abstrato, doutrinário, optou-se pelo método da Ação Católica, o Ver-Julgar-Agir, que partia da realidade para julgá-la aos olhos da fé e atuar nela a partir desse julgamento. [12]

Já em 1979, quando ocorreu a III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, em Puebla no México, a discordância entre conservadores e progressistas na Igreja se acirrou, mas isto não impediu que o documento final contasse com forte influência do que havia sido discutido anteriormente em Medellín. Para o segmento progressista da Igreja o Catolicismo era interpretado sob uma ótica mais social e libertadora, que buscava discutir e analisar a realidade do povo, de modo a ajudá-lo. Formava-se então um segmento da Igreja que visava um serviço voltado para o povo e feito em conjunto com o mesmo.

Se do lado conservador a intenção era manter a Igreja em seus moldes tradicionais, uma Igreja hierarquizada, o lado progressista propunha uma Igreja mais participativa e descentralizada e que, dentre outros compromissos, respeitasse os direitos humanos. Estes ideais progressistas chegaram a ser vistos como uma possível aproximação de uma parcela da Igreja com a esquerda comunista.

Deixando a disputa entre conservadores e progressistas de lado, há que se ressaltar que este novo modelo de abordagem, de trabalho pastoral que fora proposto pelos progressistas em Medellín e reforçado em Puebla, ganhou muitos adeptos incluindo o Pe. Agostinho Castejón, S.J.. Em seu livro, ele fala da decisão tomada na III CGELA, a chamada Opção Preferencial Pelos Pobres e dá sua opinião sobre a mesma:

Estou achando que, da mesma forma que todos os outros documentos e posicionamentos da Igreja esta será uma frase ou ideia que será interpretada dentro dos esquemas mentais e ideológicos de cada leitor. (...) Mais ou menos assim como a água se adapta à forma do copo, da garrafa ou frasco... [13].

A interpretação feita por ele da Opção Preferencial logo transpareceu em suas atitudes e em seu trabalho pastoral, já que acreditava que este ideal deveria ser traduzido “em atitudes reais e palpáveis” [14]. Em seu livro, Pe. Agostinho faz uma análise crítica do que seria esta Opção e do posicionamento da Igreja em relação a sua atuação. Para ele, por a teoria da Opção Preferencial Pelos Pobres em prática exigiria tempo, pois mesmo que não fosse

admitido ou discutido abertamente, havia uma preferência pelos ricos. Não que fosse intencional. Dizia ele:

Sem perceber, enquadramos o Evangelho dentro de nossa ideologia de classe social, dos profissionais liberais, pensamos o mundo, a realidade social e o próprio Evangelho, a vida espiritual, o 'Apostolado' e a ação social dentro dessa estrutura mental. (...) Todo o nosso trabalho e nossas obras (mesmo as de cunho social) são pensadas, organizadas e promovidas com, como e para os membros de nossa classe social. [15].

Frente a isso e entendendo que o Evangelho é, como ele próprio chama, a “Boa Notícia” que deve ser transmitida aos pobres e por já fazer trabalhos pastorais e sociais com eles, Pe. Agostinho decide se mudar para o morro, sem abandonar a Comunidade de Jesuítas da PUC-Rio, da qual fazia parte. Morar na favela proporcionaria ao padre a oportunidade de conhecer a leitura que aquelas pessoas, para as quais o Evangelho se destinava, faziam do mesmo. Seria também a oportunidade de fazer um trabalho pastoral com, como e para os pobres. Ao contrário do que a Igreja geralmente fazia, aquela mudança de endereço permitiria uma interpretação de acordo com a ideologia daquela classe social.

Seguindo os passos da Folia



Grupo Folia De Reis Penitentes do Santa Marta. Dezembro de 2012. Fotografia desconhecido. Acervo do grupo Folia de Reis Penitentes do Santa Marta. Disponível em < <http://foliadereisdosantamarta.blogspot.com.br/2011/12/1-jornada-2512.html> >. Acesso em 01/07/2014.

Nesta primeira fase de pesquisa, houve o esforço de fazer um levantamento bibliográfico que procurasse responder algumas questões que se mostram relevantes para o entendimento da relação entre a Folia de Reis do Santa Marta, Pe. Agostinho e a PUC-Rio.

Tão importante quanto a pesquisa teórica, a pesquisa de campo revela-se fundamental neste trabalho, por dar voz a alguns dos personagens constantemente citados neste estudo.

Tendo isso em mente, serão feitas duas entrevistas: a primeira com o atual mestre da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta, Mestre Riquinho, para saber qual leitura ele faz desta tradição e da importância que esta tem em sua vida e na vida dos outros foliões; a segunda com um morador e, se possível, com sua família, que recebe o grupo folião em sua casa. Como a visita às casas é parte indispensável da peregrinação feita pelos grupos, creio que ouvir este outro lado da história também é relevante.

Além disso, a entrevista com o mestre terá também o intuito de trazer à tona suas memórias sobre o tempo em que o Pe. Agostinho morou no morro e manteve relação próxima com os moradores e a Folia. Relação estabelecida tanto através de seu trabalho pastoral quanto através de seus interesses em conhecer tal manifestação cultural que se apresentava como uma maneira diferente de interpretar uma das mais importantes passagens bíblicas.

No primeiro quadro apresentado abaixo seguem as perguntas que poderão ser feitas ao mestre Riquinho. No quadro seguinte, perguntas que serão feitas a um morador ou família que recebe o grupo de folia em dias de apresentação. Vale frisar que estas perguntas não são definitivas e poderão sofrer alterações de acordo com o desenrolar da pesquisa.

Quadro 1. Entrevista com Mestre Riquinho.

1. Conte-me um pouco da sua história com a folia. Como teve contato?
2. Como o grupo começou?
3. Como está organizado hoje? (componentes, ensaios, local dos ensaios, etc.).
4. Existem muitos desafios para manter a tradição viva em um lugar como a cidade do Rio de Janeiro?
5. O fato de ser um grupo criado em uma favela, faz alguma diferença?
6. E a questão religiosa? São devotos dos santos reis ou hoje o festejo já não está tão ligado às questões religiosas e de crença como no passado?
7. E as pessoas que participam “do lado de fora”, aquelas que abrem a casa para receber o grupo, são só católicos ou pessoas de outras religiões (ou sem religião) também fazem isso?
8. Fale-me um pouco sobre a promessa.
9. Ainda nesse campo mais religioso, você se lembra do Pe. Agostinho? Da relação dele com a Folia?
10. A primeira vez que a Folia entrou na igreja do alto do morro foi através do Pe. Agostinho. Lembra-se como foi?
11. Isso é comum?
12. E hoje, a Folia ainda entra na igreja?
13. Qual a importância da Folia de Reis na sua vida?

Quadro 2. Entrevista com morador/família.

1. Qual a religião da sua família? (Se forem católicos, passar para a pergunta número 2. Se não forem católicos perguntar se o fato de serem de religião diferente – ou sem religião – não interfere na apreciação e no entendimento do que a Folia representa).
2. Como teve contato com a Folia de Reis?
3. Há quanto tempo o senhor (a) e sua família recebem o grupo de Folia de Reis em sua casa? (Dependendo do tempo e da idade que a pessoa entrevistada tiver, é interessante perguntar se ela lembra do Pe. Agostinho).
4. Me conta um pouco como é esta recepção.
5. O que mais te atrai, mais chama sua atenção na apresentação da Folia?

6. Acha importante que esta tradição permaneça viva/ativa? Por quê?

Conclusões

As conclusões até o momento são parciais, posto que a pesquisa encontra-se em estágio inicial. Contudo diante das análises feitas com base na leitura da bibliografia indicada e nos materiais disponíveis, é possível tirar algumas conclusões primárias.

1. Os novos moldes que a Igreja começava a tomar nas décadas de 1970 e 1980, somados as suas crenças e ideologia, inspiraram Pe. Agostinho. Um dos resultados disso foi sua mudança para o morro. Com o trabalho pastoral e social que desenvolvia em favelas cariocas juntamente com outros membros da PUC-Rio, ele pôs em prática as discussões de Medellín e Puebla, com sucesso.
2. A Folia de Reis apresenta-se como algo que ultrapassa a esfera meramente festiva, no sentido único de entretenimento. Está ligada diretamente às crenças das pessoas que participam. Além de ter grande relevância na vida cultural do Santa Marta e na organização dos moradores. Pe. Agostinho observou que ultrapassa a esfera festiva e registrou o envolvimento profundo dos moradores no ritual:

(...) a maior parte dos foliões fecha os olhos em profunda concentração quando cantam os versos de conteúdo religioso anunciando que nasceu o Menino, que veio para nos salvar, que nasceu pobre e que os ricos não quiseram saber dele. [16]

3. O Pe. Agostinho Castejón reconhece e interpreta a folia como uma expressão religiosa e cultural legítima. O convite para que a festa se estendesse até o interior da igreja do alto do morro de Santa Marta e a celebração da missa na festa de arremate organizada pelo grupo em 1983, a pedido do próprio grupo, são exemplos de como essa manifestação era compreendida por ele como uma tradição popular local a ser respeitada e, mais do que isso, estimulada.
4. O que no início do estudo parecia improvável (a relação entre a PUC-Rio, a Folia do Santa Marta e o padre), no decorrer do mesmo mostrou-se instigante e totalmente possível ao levar em consideração o comprometimento que Pe. Agostinho Castejón, S.J. tinha com o trabalho pastoral e a Universidade com a sociedade de modo geral.

Referências Bibliográficas

[1] – FOLIA DE REIS PENITENTES DO SANTA MARTA. **História da Folia de Reis do Santa Marta**. Disponível em: <<http://foliadereisdosantamarta.blogspot.com.br/p/historia-das-folias-de-reis.html>>. Acessado em 02 de julho de 2014.

[2] – ROCHA, Adair. **Na reza: se conta a história e se canta a luta. Um estudo sobre a folia de reis no morro Santa Marta**. 1985. 243 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1985.

[3] – *Ibid.* p. 25.

[4] – CASTEJÓN, Agostinho. **Questão de ótica**. Rio de Janeiro: [s.n.], [1980].

[5] – *Ibid.* p. 14.

- [6] – POEL, Francisco van der. **Dicionário da Religiosidade Popular: cultura e religião no Brasil**. Nossa Cultura: Curitiba, 2013. P. 1152.
- [7] – NASCIMENTO, Mara Regina. Religiosidade e Cultura Popular: catolicismo, irmandades e tradições em movimento. In **Revista da Católica – Ensino, Pesquisa, Extensão**. Volume 1, Número 2. Julho/Dezembro de 2009. Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/09-HISTORIA-01.pdf>>. Acessado em 15/07/2014.
- [8] – *Ibid.* p. 119.
- [9] – ROCHA, Adair. *Op. cit.* p. 156-157.
- [10] – *Ibid.* p. 84.
- [11] – BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. In **Revista Espaço Acadêmico**, nº 111. P. 82. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10681/5854>> Acessado em 15/07/2014.
- [12] – *Ibid.* p. 83.
- [13] – CASTEJÓN, Agostinho. *Op. cit.* p. 11.
- [14] – *Ibid.*
- [15] – *Ibid.* p. 12-13.
- [16] – *Ibid.* p. 40.
- [17] – PERGO, Vera Lucia. Os rituais na Folia de Reis: uma das festas populares brasileiras. In **Revista Brasileira de História das Religiões**. Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidade – ANPUH. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>>. Acessado em 17/07/2014.
- [18] – FERNANDES, Rubem César. Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente, 1984. In **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 3-26, 2º semestre. Disponível em <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=363&Itemid=435>. Acessado em 02 de julho de 2014.